

In short, story-tellers use symbols not because they need a secret language, but because man is a creative, symbol-making animal. What is fascinating is not that all tales of magic are built up upon the same few narrative patterns out of the same few emotions and ideas; but on the contrary, that the same few basic emotions and ideas can generate an infinite number of concrete pictures and stories.

CAMARENA LAURICICA, JULIO, e CHEVALIER, MAXIME, *CATÁLOGO TIPOLÓGICO DEL CUENTO FOLKLÓRICO ESPAÑOL: CUENTOS DE ANIMALES*, MADRID, GREDOS, 1997, 477 PPS.

Isabel Cardigos*

Como é sabido, o índice internacional de Antti Aarne e Stith Thompson, *The Types of the Folktale*, guia universal por que todas as classificações de contos populares se regem (ou devem reger), está conflagradamente desactualizado e enferma de falhas cada vez mais patentes. Com efeito, já na sua última revisão (de 1961!), eram gritantes as lacunas e inconsistências. Basta lembrar que, nos mais de dois mil tipos propostos, Portugal aparece representado em apenas dois. Assim, para que uma nova edição actualizada deste manual venha a representar melhor a realidade do *corpus* de todos os países, é necessário um esforço conjunto, soma dos esforços de cada país, na catalogação dos seus contos. É o que em Espanha, à imagem do que tem acontecido noutros países, se está finalmente a fazer.

Dois anos após a saída do I volume (*Cuentos Maravillosos*) do óptimo projecto de publicação do catálogo do conto tradicional espanhol, que oportunamente referimos ("Bons Ventos de Espanha", *E.L.O.*, 2, pp. 247-8), cabe-nos o prazer de dar conta do aparecimento do II volume, *Cuentos de Animales*, que, juntamente com o primeiro, se vem revelando um precioso e indispensável instrumento de trabalho, o qual muito tem facilitado o nosso próprio projecto de catalogação e classificação dos contos portugueses publicados. Isto porque, tal como no volume anterior, esta obra inclui, na bibliografia de cada tipo analisado, para além das versões espanholas (por áreas), das versões literárias e das correlações com os índices hispano-americanos, os contos portugueses. A obra em questão é fruto de uma tarefa gigantesca, que, a julgar pelo ritmo a que tem vindo à luz, promete estar completa num futuro não muito distante. Pelo apuro e profissionalismo com que tem sido elaborada, tem-se revelado uma referência extremamente útil para a nossa tarefa de classificação dos contos portugueses, em que colmatamos, naturalmente, as inevitáveis omissões de contos não constantes do *corpus* espanhol (e ainda aqui com a ajuda de elementos que nos têm sido generosamente oferecidos por Julio Camarena, em verdadeiro espírito de solidariedade profissional), assim como de versões publicadas não constantes do catálogo espanhol, por serem alvo de uma pesquisa necessariamente mais minuciosa, que, em Portugal, é possível levar a cabo e que temos vindo a fazer paralelamente à classificação das grandes colecções.

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. U.C.E.H. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000 Faro. Portugal. <icardigos@ualg.pt>.

Notas e Recensões

À imagem do que anteriormente tinham feito, os autores propõem novos sub-tipos para contos dificilmente inseríveis na classificação de Aarne e Thompson, que, como é sabido, teve mais em conta o *corpus* norte-europeu do que o mediterrânico. Todos os que, dentre estes, tiverem representação portuguesa —e alguns deles, como *A Cabaça e a Velha* (*La vieja en la calabaza burla a los lobos*, com o número proposto 168B) são sobretudo representativos do *corpus* português— serão sem dúvida assinalados no nosso índice com a classificação proposta por este novo catálogo, mesmo nos casos em que temos opiniões diferentes.

Em resumo: estão de parabéns os seus autores, pelo zelo com que se têm desempenhado deste importante empreendimento; e também aqueles que, como nós, vêem assim facilitada a sua própria tarefa de classificação. E não sejamos míopes: o esforço conjunto de obras como esta ainda virá a dar uvas, ao permitir um reapreço dos estudos comparativos de tipo histórico-geográfico, que só deixaram de “prestar” porque as lacunas existentes os tornavam... “verdes”.

RECOLHA E PUBLICAÇÃO DE CONTOS TRADICIONAIS NO BRASIL

Isabel Cardigos *

O segundo volume da série “Contos Populares do Brasil”¹ dá-nos conta, no seu prefácio, de um grande projecto, “Conto Popular e Tradição Oral no Mundo de Língua Portuguesa”, promovido por três fundações brasileiras. Tal como o nome indica, esse projecto propõe-se englobar também os contos tradicionais portugueses, para o que tem um protocolo com o Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (Universidade Católica Portuguesa), o Instituto Camões e a Fundação Gulbenkian. No que diz respeito à vertente portuguesa do projecto, temos conhecimento da edição crítica elaborada por Mário F. Lages dos *Contos Populares Alentejanos* de Tomás Pires, editada precisamente pelo C. E. P. C. E. P. Quanto ao projecto brasileiro, vimo-lo materializar-se com um primeiro volume dedicado a Pernambuco (1994) e, em 1996, com a colecção de contos da Paraíba, que passamos a examinar. Trata-se duma antologia do material recolhido e arquivado pelo Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular da Universidade Federal da Paraíba, que, à data em que o livro foi publicado, recolhera já “1676 narrativas, de cerca de 300 narradores, coletados em 27 municípios do Estado” (p. 21). O livro é precedido por uma sucinta e elucidativa introdução de Bráulio do Nascimento,² escrita com o saber e rigor que lhe conhecemos e honra a herança de Câmara Cascudo, e acrescida de uma bibliografia essencial. Cada um dos 87 contos publicados é acompanhado por uma breve ficha com indicação do narrador e data de recolha, colector e classificação do conto segundo o índice internacional de Aarne e Thompson. Estes mesmos

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. U.C.E.H. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000 Faro. Portugal. <icardigo@ualg.pt>.

¹ Osvaldo Meira Trigueiros e Altamar de Alencar Pimentel (coords.), *Paraíba* (“Contos Populares do Brasil”, 2), prefácio de Fernando de Mello Freyre, introdução de Bráulio do Nascimento, Recife, Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana, 1996, 346 pp.

² Note-se que Bráulio do Nascimento está em vias de terminar um projecto de arquivo e classificação do conto tradicional brasileiro, que esperamos com natural expectativa, até porque a sua bibliografia inclui os contos portugueses de que haja versões no Brasil [ver, do autor, “Um Catálogo do Conto Popular Brasileiro”, *Revista Lusitana*, N. S., nº 16 (1997), pp. 73-90].

dados aparecem no fim do volume em quatro índices distintos. A grande maioria dos contos desta antologia foi recolhida por Altimar de Alencar Pimentel, destacando-se uma narradora extraordinariamente prolífera, Luzia Teresa, já alvo de três volumes da responsabilidade de Pimentel e dedicados exclusivamente a mais de 200 contos do reportório daquela informante.

Altimar Pimentel é igualmente o responsável por *Contos Populares de Brasília*,³ fruto duma iniciativa independente do projecto acima referido, que só denota o dinamismo do processo de recolha, arquivo e divulgação do conto tradicional brasileiro. Também nesta colectânea aparece, adstrita a cada um dos seus 50 contos, uma pequena ficha, com a identificação do informante, data da recolha, escola por ela responsável e localidade da mesma. No final do volume, cada conto tem uma nota esclarecedora, acessível a todos os que se queiram debruçar sobre estas matérias, com a classificação de Aarne e Thompson no que respeita sobretudo aos contos maravilhosos.

O conteúdo de qualquer destes volumes é riquíssimo e mostra bem a vitalidade extraordinária da tradição oral nas citadas regiões do Brasil. E não deixa dúvidas de que o legado português é, no Brasil, particularmente vivo e actuante. Trata-se, em grande parte, de narradores activos, que, no processo de transmissão, não se limitam a reproduzir mas recriam, adaptando um reportório ancestral a mentalidades e comunidades muito próprias. Noto apenas, por contingências de espaço, a personagem tipicamente brasileira de “Camões” (ou “Camonge”), omni-presente nos contos de esperteza incluídos nestes volumes. São, tal como o português falado no Brasil, uma festa — e uma verdadeira mina para quem sobre eles se queira debruçar, quer como etnólogo ou folclorista, quer como filólogo do conto tradicional, em busca de origens e de transformações.

BRINCANDO, BRINCANDO... PÓS-MODERNISMO NOS CONTOS DE FADAS

Isabel Cardigos *

Ninguém melhor do que a própria autora para definir o espírito (confessadamente pós-lacanianiano) que enforma as análises da recente obra ensaística de Cristina Bacchilega¹ sobre várias reescritas feministas de quatro contos de fadas clássicos, que ela apelida de pós-modernas:

The tale of magic's controlling metaphor is the *magic mirror* because it conflates mimesis (reflection), refraction (varying desires), and framing (artifice). My readings of postmodern tales of magic will focus on how they reproduce these mirror images while at the same time they make the mirroring visible to the point of transforming its effects. Each chapter will address a specific narratological aspect of this doubling strategy: narrative frame for “Snow White”, voice in “Little Red Riding Hood”, focalization for “Beauty and the Beast”, and agency in “Bluebeard” (p. 10).

³ Altimar Pimentel, *Contos Populares de Brasília*, Brasília, Thesaurus, 1998, 174 pp.

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. U.C.E.H. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000 Faro. Portugal. <icardigo@ualg.pt>.

¹ Cristina Bacchilega, *Postmodern Fairy Tales: Gender and Narrative Strategies*, Philadelphia, University of Philadelphia Press, 1997, 208 pp., ISBN 0-8122-3392-1.